

19 DE ABRIL DE 2009 ANO 17 #862

# revista

la Folha

# entre

Um passeio  
por sete  
patrimônios  
históricos da  
cidade, do  
Pacaembu a  
São Miguel  
Paulista

Porta da Capela da Venerável Ordem  
Terceira do Carmo, no centro



bichos

por Manuel da Costa Pinto, editor  
do Guia da Folha – Livros, Discos, Filmes



# alma de GATINHO

O CANE CORSO LATE  
ENSANDECIDO AO OUVIR  
UM BARULHO NO PORTÃO,  
MAS SUPLICA POR CARINHO  
QUANDO UMA VISITA, MESMO  
ESTRANHA, ENTRA EM CASA

**A**s definições da raça em livros e sites especializados deixam qualquer um com frio na espinha: um cão de guarda robusto, da época das legiões romanas, pertencente ao temível grupo dos molossos (o mesmo do rottweiler e do dogo

argentino). Mas que me perdoem os criadores ciosos da fama de mau do cane corso: os três exemplares com os quais convivo diariamente têm alma de gato.

Lua foi presente de minha cunhada veterinária, que durante anos manteve um canil da raça. Depois, na única cria da Lua, vieram Juca e Picolit. É provável que a escolha dos nomes (junto com a opção de não cortar as orelhas, como fazem criadores que buscam dar feição agressiva ao cane corso) tenha contribuído para o temperamento desses cordeiros em pele de lobo.

Afinal, Lua soa meio “new age” (logo eu, que tenho horror a coisas alternativas...). Juca é alcunha de cão vadio. E Picolit é uma homenagem etílica a um vinho adocicado (parente do Sauternes francês) da região do Friuli, nordeste da Itália.

E eles fazem jus aos nomes: latem ensandecidos se alguém passa diante de casa, mas mudam milagrosamente de comportamento quando o convidado atravessa o portão. A partir daí, é um festival de pulos e súplicas por carinho que desonram o “canis pugnax” romano,



do qual derivam o cane corso e o mastim napolitano. Linhagens à parte, a simples ameaça de uma chuva de trovões ou um estouro de rojão é suficiente para fazer Lua tremer feito vara verde.

A maluquice –que já me obrigou a passar uma virada de ano zanzando com ela no carro, única forma de conseguir isolamento acústico– começou durante a última Copa. Ela ficava tão apavorada com a algazarra depois de cada tento que se condicionou a entrar em pânico quando o narrador grita gol na TV (o que não deixa de ser engraçado quando

se trata de jogo fora do Brasil e o grito não é seguido de fogos).

### **Brutamontes insaciáveis**

Mas o pior são os vexames em praça pública. Juca, por exemplo, ficou traumatizado quando, ao passarmos diante do açougue da esquina, o dono do estabelecimento baixou a porta de correr fazendo um barulho que aterroizou o pobre mastodonte: avisão espectral do seu Luís (um açougueiro frequentado por ninguém menos do que o chef Alex Atala!), vestido de branco tal qual um pai de santo, transformou o entorno

do açougue em zona proibida, que tenho de evitar durante os passeios, sob pena de passar vergonha quando ele começa a espernear feito um cabrito que vislumbra o matadouro.

E a Picolit, para confirmar suas afinidades eletivas com os felinos, tem o singelo hábito de subir em cadeiras e mesas, olhando desdenhosamente a mãe e o irmão, que não conseguem rivalizar com sua leveza e agilidade.

Dito isso, é preciso dizer que essa pequena matilha guarda alguns traços de sua ancestralidade. Ao ver os três devorando

**Lua, 9, cadela da raça cane corso que morre de medo de trovões e rojões**



# (bichos)

Rodrigo Marcandes/Folha Imagem



Juca e Picolit (ao fundo), ambos com quatro anos; o primeiro tem trauma de açougue; a segunda sobe em mesas e cadeiras

ossos (não os ossinhos assépticos dos pet shops, mas pernas de boi com nervuras e sangue), é fácil imaginá-los no Coliseu roendo os despojos de gladiadores e mártires.

Esses cães têm outra virtude romana: uma invejável resistência física a doenças que debilitam

raças mais frágeis, como a erliquiose (transmitida por carrapatos) que levou minha labradora Mel e que não abalou a Lua.

A própria etimologia de cane corso, aliás, indica essa característica. Ao contrário do que parece à primeira vista, o cão (“cane”, em italiano) corso na-

da tem que ver com a Córsega. Não se sabe ao certo a origem do nome: corso pode vir do latim “cohors” (protetor, guarda), da palavra grega “kortòs” (quintal) ou ainda de uma expressão dialetal para robusto (a exemplo do cavalo “corsiero”, utilizado em batalhas medievais). Em qualquer das hipóteses, brutamontes imunes ao frio e que só passam o dia deitados no sofá ou debaixo da escrivaninha por conta da permissividade do dono.

Mas, se for para comprovar as origens pagãs do cane corso em meu cotidiano, tenho de pedir desculpas aos pruridos morais do leitor e contar que só descobri que a Picolit entrara no primeiro cio quando a flagrei com Juca em pleno devaneio fescenino, ou que, no último cio da Lua, meu pequeno Calígula de quatro patas não observou o devido respeito aos tabus do incesto.